

CADERNO DE RESUMOS

seminário
LABELLE 2022



Belle Époque:
o corpo, a cidade, a nação

de 14 a 16 de setembro de 2022

 <http://bit.ly/labelleuerjnoyoutube>

Créditos: Arte sobre foto de Marc Ferrez.

REALIZAÇÃO

LABELLE – Laboratório de estudos de literatura e cultura da Belle Époque (ILE-UERJ)

ORGANIZAÇÃO

Carmem Negreiros (UERJ) | Fátima Oliveira (CEFET/RJ) | Giovanna Dealtry (UERJ) | Lucía González (UERJ/FAPERJ) | Marcus Salgado (UFRJ) | Mónica Vermes (UFES)

seminário

LABELLE 2022



Belle Époque: o corpo, a cidade, a nação

RESUMOS

► ANGELA ROBERTI (UERJ-DHIS/LABELLE)

Amor livre e liberdade sexual no conto Dia de Amor do escritor libertário Domingos Ribeiro Filho: configurações de uma sensibilidade moderna

Domingos Ribeiro Filho (1875-1942) despontou no cenário intelectual e círculos boêmios do Rio de Janeiro nos tempos efervescentes da *Belle Époque*. Começou a vida como repórter, tornando-se, na sequência, jornalista e editor de revistas ilustradas. Nas *belas letras*, foi romancista, contista, cronista e até autor de textos para o teatro, campo no qual também exerceu a crítica. Foi considerado um *romancista da nova literatura*; uma literatura de conteúdo social, comprometida não só com a crítica e a denúncia dos dramas sociais e morais, mas também com a divulgação de outro projeto de sociedade, firmado em bases mais solidárias, livres e criativas. Esta comunicação volta-se para problematizar o tema do amor livre e da liberdade sexual contemplado por Ribeiro Filho no conto *Dia de Amor*, publicado nos tempos efervescentes da *Belle Époque*. Nessa época, o escritor militava nas fileiras anarquistas e admitia a literatura como estratégia na busca de caminhos que poderiam despertar consciências e dar forma ao processo de transformação social. Para além dos ambientes próprios do mundo do trabalho, uma cultura libertária circulava no cenário intelectual e nos círculos boêmios atraindo, entre outros, escritores, médicos, jornalistas, professores, advogados que acreditavam no anarquismo como uma possibilidade para transformarem a si mesmos, bem como a sociedade em que viviam. Repleta de opiniões e posições, a visão literária do autor encontra-se permeada de valores, constituindo um campo de tensão no qual se percebem variadas referências ao tema do amor livre e da liberdade sexual, destas serão especialmente privilegiadas as que tratam do corpo, do desejo, do prazer, as quais podem ser reveladoras das configurações de uma nova sensibilidade amorosa, de um novo arranjo social-sexual.

▶ ANNA FAEDRICH (UFF/LABELLE)

Para além da modernidade: o feminismo na obra das escritoras brasileiras modernistas

Anita Malfatti e Tarsila do Amaral — artistas cujos talentos e qualidade da obra são inegáveis — frequentemente figuram como os únicos nomes lembrados ao se falar da presença de mulheres no Modernismo brasileiro. Raramente se registra as inúmeras pintoras e escultoras que, hoje sabemos, atuaram entre o Segundo Reinado e a Primeira República (SIMIONI, 2019; CARVALHO, 2021). Na literatura, esse registro algo arbitrário não foi diferente. Escritoras que poderiam ser consideradas “pré-modernistas” ou modernistas não constam nos manuais de literatura brasileira. O que se sabe da atuação das mulheres escritoras na nossa *Belle Époque*? Qual a contribuição e repercussão de suas obras? Quem são as escritoras modernistas? Nesta proposta, discutirei a atuação de vozes femininas literária e politicamente importantes no início do século XX: Julia Lopes de Almeida (1862-1934), Chrysanthème (1870-1948), Albertina Bertha (1880-1953), Maria Lacerda de Moura (1887-1945), Ercília Nogueira Cobra (1891-?), Gilka Machado (1893-1980) e Pagu (1910-1962). Procuo apontar como essas mulheres dialogam com a estética modernista e possíveis relações entre tal diálogo e a ausência das escritoras nos registros desse período. Analiso também como a modernidade e o feminismo aparecem na literatura de autoria feminina da época, tentando demonstrar que este é um ponto em comum entre as autoras aqui consideradas.

▶ DANIELLE CREPALDI CARVALHO (USP/LABELLE)

O centenário da Independência no Teatro Trianon: a “Temporada do Centenário” da Cia Leopoldo Fróes

No dia 6 de setembro de 1922, um dia antes da abertura da ambiciosa Exposição Internacional do Centenário da Independência, no Rio de Janeiro, a Cia Leopoldo Fróes anunciava a sua “Temporada do Centenário”. Com estreia prevista para o dia 8 (a obra a ser apresentada era a opereta “Mimosa”, com texto de Fróes), o “elegante teatrinho da Avenida Rio Branco” procurava arregimentar o público que prestigiaria a estreia da Temporada operística do Centenário, a ocorrer no dia 7 – a qual possuía foro oficial, contando com a presença do presidente da República e sendo transmitida via rádio pelo recinto da Exposição. Nos meses subsequentes, o Trianon seria palco da representação de um conjunto de peças escritas sobretudo por autores nacionais, programação alternada com eventos como as Tardes Regionais, dos quais tomaram parte artistas como Catullo Cearense e os Turunas Pernambucanos. Esta comunicação pretende analisar o repertório apresentado pela empresa daquele que era o mais bem reputado ator em atividade na capital federal, em diálogo tanto com a programação operística do Theatro Municipal quanto com o ideário da Exposição Internacional.

▶ DARÍO GÓMEZ SÁNCHEZ (UFPE)

Bom Crioulo: entre a transitividade sexual e a marginalidade social

Bom Crioulo (1895) é conhecido como um romance pioneiro no tratamento do tema homossexual. Mas essa afirmação é questionável se pensarmos que tal identidade - em contraste ao comportamento - só se constituiu em meados do século XIX, com a criação médico-moral do homossexualismo. Ainda que, em um primeiro momento, a obra de Caminha pareça caracterizar as relações sexuais entre homens seguindo o discurso médico-moral da época, também abre espaço para outras visões que não cabem dentro da nova concepção identitária, resultando em uma oscilação narrativa no tratamento do tema que outorga à obra uma grande atualidade. Além disso, poderíamos pensar que *Bom crioulo* não é preponderantemente um romance de temática homossexual, não só porque o recém inaugurado paradigma é abalado permanentemente pelo narrador, mas também porque a intenção narrativa parece ir além da reprodução ou questionamento do discurso identitário e enfatizar a ideia de marginalidade, uma marginalidade entendida muito além da sexualidade.

► DIONISIO MÁRQUEZ ARREAZA (UFRJ/LABELLE)

Ficção e jornalismo em Recordações. O combate comunicacional de Lima Barreto

Propõe-se estudar em *Recordações* de Lima Barreto a representação literária crítica da imprensa e o jornalismo carioca. A sua força (auto)crítica se patenteia no processo paulatino do protagonista-narrador, Isaías Caminha, que vai da discriminação social à relativa integração profissional. Interagindo com outros personagens e vozes, o protagonista-narrador, semelhante ao autor, terá que aprender, se adaptar e disputar, através da palavra e da letra, nesse lugar de poder e “ação comunicativa” (HABERMAS, 1987). Diferentemente de parte da recepção crítica da belépoca sobre Lima Barreto, a mistura de vozes e textualidades caracterizam uma proposta original, distinta do europeu e contraposta ao beletrismo carioca (PRADO, 1976).

► FÁTIMA OLIVEIRA (CEFET/RJ/LABELLE)

Notas de viagem de um andarilho por vocação

O escritor carioca Lima Barreto (1881-1922) não teve condições financeiras de viajar para a França como fizeram outros intelectuais seus contemporâneos. A França é a principal referência cultural para o Brasil na passagem do século XIX para o XX. Paris torna-se modelo e ideal de vida para a elite brasileira. Para Lima Barreto, no entanto, aspectos modernos da cultura francesa chegam-lhe pela leitura de periódicos e de cartas trocadas com o amigo Antonio Noronha dos Santos que permaneceu em Paris por um período bastante longo. Na impossibilidade de viajar para Paris e de lá lançar um olhar europeizado para interpretar os trópicos, Lima Barreto se dedicará a interpretar o Brasil através de observações feitas em suas andanças pelos arredores do centro do Rio e em breves viagens feitas de trem para Mirassol, interior de São Paulo, e Juiz de Fora, zona da mata mineira. É sobre a correspondência trocada, quando jovem, com Noronha dos Santos, em que demonstrava seu interesse por Paris, e as “notas de viagem” de Mirassol, realizadas em um período de plena maturidade, que versará esta minha comunicação.

► GIOVANNA DEALTRY (UERJ/LABELLE)

Cisões entre a mulher moderna e o feminismo em João do Rio

Nas primeiras décadas do século XX, o Rio de Janeiro torna-se palco para a transformação do comportamento e anseios das mulheres modernas. Caminhar pelas ruas, observar e ser observada, trabalhar em profissões até então exclusivas do homem, exercer o flirt e o sexo fora do casamento, são algumas das formas pelas quais a mulher moderna é retratada na prosa de João do Rio.

No mesmo momento histórico, mulheres advogadas, escritoras, artistas, professoras iniciam o debate sobre o feminismo no Brasil. Opera-se, na obra de João do Rio, uma cisão entre a defesa da mulher, em consonância com novos ideais da modernidade, e o desprezo pelo feminismo, visto como modelo de negação do feminino. A presente comunicação busca analisar a intrincada operação de elogio de novos valores liberais e a crítica ao ideário de autonomia da mulher proposta pelo feminismo.

► HELDER THIAGO MAIA (USP)

Dissidentes de gênero e sexualidade na literatura brasileira no início do século XX

Entre o final do século XIX e o início do século XX, personagens dissidentes de gênero e sexualidade habitavam a literatura brasileira principalmente a partir da pornografia e do naturalismo. Nesta fala, abordarei os efeitos (in)desejados de obras pornográficas e naturalistas, ao mesmo tempo em que apresentarei textos que começam a desarticular os “sonhos de extermínio” (GIORGI, 2005) de dissidentes de gênero e sexualidade na literatura brasileira.

► JAMES N. GREEN (BROWN UNIVERSITY)

Frescos e os parques públicos do Rio de Janeiro no começo do século XX

Quando o Brasil entrou no século XX, a cidade do Rio de Janeiro passou por profundas transformações. Contudo, o plano de renovação não eliminou por completo as evidências de caos, pobreza e deterioração urbana consideradas impróprias pela alta sociedade carioca. A prostituição sobreviveu em algumas partes da área central. O crime continuou a ser uma ameaça àqueles que frequentavam as áreas recém-restauradas do centro. Homens e mulheres pobres, especialmente negros, ainda mascateavam seus artigos nas ruas. E os homens que apreciavam relações sexuais com outros homens apegaram-se obstinadamente aos vários pontos do centro da cidade dos quais se haviam apropriado como lugares públicos para encontrar parceiros sexuais e socializar com os amigos. O espaço urbano mais conhecido para tais encontros era o Largo do Rossio, uma praça nos limites do centro antigo do Rio de Janeiro.

► JEAN PIERRE CHAUVIN (USP/LABELLE)

Às margens do nacionalismo: uma alegoria da República, segundo Machado de Assis

Em 1882, sete anos antes do assalto republicano ao Segundo Império, Machado de Assis zombou dos sistemas de governo em “A Sereníssima República” – conto incluído na coletânea *Papéis Avulsos* (1882). Em seu meticuloso relato, o Cônego Vargas afirmava ter assistido e participado da fundação e desenvolvimento de uma sociedade capitaneada pelas aranhas. Ao final da narrativa, o cônego conclui que, mesmo naquela sociedade tida por ideal, o vício dos métodos se mostrara inerente ao regime, dividido entre facções que tendiam ao partido retilíneo ou curvo – ora conciliando-os, como partido conciliador; ora negando ambas as formas de fazer política. O conto parece estilizar a linguagem dos antigos manuais de política, dentre eles *A República*, de Platão; *Política*, de Aristóteles; *Da Monarquia*, de Dante etc., num momento em que o Segundo Império dava sinais de maior instabilidade política, também agitado pelos ideólogos da República. Por sinal, a existência da personagem Erasmus permite-nos evocar as obras de Erasmo de Roterdã, reconhecido por recorrer à corrosiva alegoria como método de pensamento e ação.

► JULIETA NOVAU (UNaM)

“A máscara do silêncio”: zonas de esclavidud y resistencia en Úrsula de Maria Firmina dos Reis

Este trabajo explora la presencia de la esclavidud y resistencia como zonas temáticas primordiales de construcción narrativa en *Úrsula* (1859) de Maria Firmina dos Reis; a partir de la noción simbólica de “a máscara do silêncio” en sintonía con las reflexiones teórico-filosóficas sobre el “lugar del habla” y la “literatura afro-brasileira” (desde enfoques de Ribeiro -2017-, Carneiro -2005, 2020- y Assis Duarte -2004-). Se analizan ambas dimensiones, atendiendo a procedimientos discursivos y retóricos, donde las voces de los sujetos esclavizados adquieren especial relieve en la novela. En particular, nos detendremos en la configuración de la voz femenina de la “mãe preta”, en tanto *griote*, en consonancia con el despliegue de la memoria ancestral africana como modo fundamental de figuración de resistencia ante la exacerbación de la violencia esclavista brasileña en el s.XIX, construida en la obra. Se busca poner de relieve el modo en que la mirada abolicionista y pionera de la autora en su época, tal como se elabora en la ficción, adquiere relevancia al proyectarse y prolongarse como reflexión crítica sostenida hasta la actualidad.

► LEONARDO MENDES (UERJ/LABELLE)

A literatura de aconselhamento sexual e matrimonial na Belle Époque luso-brasileira: entre a ficção e os “manuais práticos”

Desde o século XVIII, a literatura libertina era importante fonte de “conhecimento carnal”. Pela leitura, adquiria-se uma instrução que não só tornava o leitor mais competente na vida sexual e amorosa, como também o libertava como sujeito, tornando-o um “libertino”, isto é, um “liberto” das amarras sociais e mentais, que conquistou autoestima intelectual por meio da ilustração e da experiência sensorial (DARNTON, 1996). No final do século XIX, a partir da *Belle Époque*, com a expansão da atividade editorial e da leitura, aparecem novos gêneros textuais que vão competir com a literatura libertina como fonte de informação sobre sexo: a ficção naturalista e os “manuais práticos” (FONTOURA JR, 2019), especialmente os de aconselhamento sexual e matrimonial. Tanto o romance naturalista incorpora métodos e técnicas do tratado médico, quanto os “manuais práticos” acionam estratégias romanescas e ficcionais. A “literatura de aconselhamento sexual e matrimonial” proliferou na *Belle Époque* luso-brasileira e pode ser considerada, ao lado do “romance de sensação” e dos “livros para homens”, como um fenômeno de literatura de massa e da modernidade do período (MENDES, 2020). Nessa comunicação, falaremos sobre alguns livros bem-sucedidos dessa faixa do novo comércio livreiro e como afirmavam ou desafiavam o *ethos* patriarcal

► LEONARDO PEREIRA (PUC-RIO)

O aprendizado do diálogo: Coelho Netto e as culturas negras na afirmação da nacionalidade

Henrique Maximiano Coelho Netto é, para a história da literatura brasileira, um escritor singular. Prestigiado e reconhecido ao longo da Primeira República, quando chegou a ser aclamado como o “príncipe dos prosadores brasileiros”, ele teve sua obra eclipsada nas décadas seguintes pela crítica dos modernistas de 22, que viam nela uma literatura ornamental e distanciada da realidade nacional. Ao escapar da memória projetada por este tipo de crítica, esta apresentação pretende acompanhar a trajetória literária do romanista ao longo das décadas anteriores, de modo a analisar como os frequentes diálogos que estabeleceu com as práticas, costumes e experiências dos trabalhadores afrodescendentes – como a capoeira, os cordões carnavalescos ou a musicalidade sincopada que daria forma ao samba – ajudaram a transformar, ao longo do tempo, suas concepções sobre a nacionalidade.

► LINA MARIA RIBEIRO DE NORONHA (UNIMES)

A vanguarda francesa em pleno carnaval: o contato de Darius Milhaud com a música popular brasileira e as concepções estético-musicais do entreguerras

No período em que viveu no Brasil (1917-1918), o compositor francês Darius Milhaud, impactado pelas sonoridades que ouviu pelas ruas do Rio de Janeiro, assimilou a música popular brasileira combinando-a, após sua volta à França, às propostas estéticas da vanguarda francesa defendidas por Jean Cocteau. Em um período marcado pelo nacionalismo, tal uso da música popular brasileira refletia a busca pela afirmação do caráter nacional aliada à utilização das técnicas musicais do círculo de compositores ligados à Cocteau. Processo similar pode ser visto no cenário brasileiro, com o modernismo nacionalista e as ideias apregoadas por Mário de Andrade. Refletir sobre as inovações composicionais de Milhaud, a partir da influência da música popular brasileira, nos permite examinar as concepções musicais do Modernismo brasileiro considerando o compartilhamento do mesmo contexto estético-político-ideológico trazido pelo exacerbado nacionalismo, presente no período entreguerras.

► LUCIANA PERSICE NOGUEIRA-PRETTI (UERJ/LABELLE)

O rastaquera, ou visão estorvada do brasileiro na Paris belle époque

A figura do rastaquera data de meados do século XIX, mas adquire peso e polêmica durante a *Belle Époque* francesa, em que será personagem de prosas ficcional e jornalística. Apoiada numa perspectiva que dialoga com a história cultural, examinarei alguns aspectos da representação da figura do rastaquera, personagem urbano e literário: “estrangeiro parisiense” (LAMURE, 2018), notável figura que contribui à “lisibilidade da cidade” (STIERLE, 2001; BENJAMIN, 1985), e exemplo do lado sombrio do cosmopolitismo de Paris (CHARLE, 1998). *Flâneur* às avessas, a menção ao herói baudelairiano reforça suas diferenças e alteridade (BAUDELAIRE, 1885), enquanto o coloca no centro da ideia de modernidade.

► LUÍS FERNANDO HERING COELHO (UFPEL)

Revisitando as viagens dos Oito Batutas: sentidos da música brasileira na década de 1920

Formado no Rio de Janeiro em 1919, o grupo musical *Oito Batutas* ocupa um lugar de destaque no processo de constituição de um horizonte de sentidos ligado à *música (popular) brasileira* e no campo discursivo que periodicamente se constrói como sendo a sua história. Nos dez primeiros anos de sua existência, os *Batutas* excursionaram de forma relativamente intensa por diferentes regiões do Brasil, França (Paris, mais especificamente) e Argentina. Neste trânsito, e no processo de produção e consumo de sua música, articulam-se categorias entre as quais a ideia de nação surge como um nexo central. Retomando elaborações anteriores - com foco nas temporadas do grupo na Argentina em 1922-23, Santa Catarina e Paraná em 1927 - e também a partir de pesquisas mais recentes sobre uma turnê pelo Rio Grande do Sul em 1928, com base principalmente em material jornalístico, esta comunicação propõe levar adiante a reflexão sobre estes processos de articulação e sistemas de ideias e valores a eles relacionados.

► LUÍS GUSTAVO GUERREIRO MOREIRA (FUNAI)

O lugar do índio no “Projeto de Nação” dos militares

No dia 19 de maio de 2022, o Instituto General Villas Bôas realizou o lançamento oficial da publicação “Projeto de Nação: Cenários Prospectivos Brasil 2035”. O documento foi elaborado em parceria com o Instituto Sagres e o Instituto Federalista e coordenado pelo general da reserva Rocha Paiva. A partir da crítica do documento, pretendo demonstrar como o militar instrumentaliza a temática indígena e indigenista a partir de interesses corporativos. Partindo de uma discussão sobre a formação da nação, em que as Forças Armadas se constituem como a instituição mais estandardizada da nação, qualifico o projeto formulado pelos militares como uma continuidade de um ultrapassado integracionismo assimilacionista e colonialista, urdido com a Proclamação da República e que resulta na extinção física e cultural dos povos indígenas.

► MARCELO SANTOS (UNIRIO)

Nas bordas de uma nação: expulsão e exclusão social em Os retirantes, de José do Patrocínio

Esta proposta de leitura crítica do romance *Os retirantes*, de José do Patrocínio, pretende acompanhar, nas estratégias narrativas da obra, a dinâmica da expulsão e da exclusão social, especialmente porque, neste caso, a ficção divide tensamente o espaço da leitura pública da calamidade com a cobertura jornalística, atividade que o autor da ficção também exerceu.

► MARCUS SOARES (UERJ/LABELLE)

Crônica e cotidiano carioca na série A cidade, 1903-1904

“A cidade” é o nome de uma série cronística publicada pela *Gazeta de Notícias* entre 1903 e 1904. Em pequeno formato, ocupando preferencialmente a 2ª página do jornal, a série tinha como principal proposta acompanhar o “renascimento” da “convalescente” cidade do Rio de Janeiro mediante observação direta tanto das intervenções administrativas em curso quanto da atuação cotidiana de seus habitantes. No presente trabalho, pretendemos analisar a importância do gênero crônica na construção da temporalidade jornalística por meio da qual “A cidade” buscava realizar a referida proposta.

► PEDRO PAULO GARCIA FERREIRA CATHARINA (UFRJ/LABELLE)

A Renegada, romance naturalista?

Passado entre Recife e Rio de Janeiro (com direito a vilegiaturas em Olinda e Petrópolis), sobre um fundo de *Belle Époque* no qual se destacam os meios de transporte, este romance, publicado em Recife em 1908 pelo jornalista, poeta e escritor paraibano Carlos D. Fernandes (1874-1942), narra uma *tranche de vie*. Em forma de relato autobiográfico, o romance dá margem, pela voz da protagonista, a jovem Helena de Araújo, à discussão de questões relativas à situação da mulher brasileira no final do século XIX e início do século XX. Apoiados nos dramas vividos por Helena e seus fortes posicionamentos, são tratados temas como a educação, o casamento, o trabalho, o direito ao prazer, ao mesmo tempo que se desenham personagens masculinos fracos ou caricaturais. Nesta obra fadada ao escândalo, o escritor se esmera na construção de três ousadas cenas de sexo, uma das quais entre professora e aluna; há ainda uma confissão de impotência por parte do marido de Helena e um aborto, que asseguram a compreensão do livro pela crítica coetânea no âmbito do naturalismo. Contudo, o romance, escrito por um insubmisso e culto homem de letras, acumula múltiplas e diversas referências literárias, filosóficas e científicas, e parece hesitar na linguagem, oscilando entre descrições romantizadas de paisagens naturais brasileiras, em estilo rebuscado, e a necessidade científica de reflexões marcadas pelo determinismo, que justificariam o destino da protagonista. Ao colocar em discussão o pertencimento do romance à estética naturalista, minha intenção é refletir sobre este autor e romance excêntricos na cena da *Belle Époque* brasileira.

► PILAR CIMADEVILLA (CONICET)

El diario de María Sáez: una mirada poética sobre Malvinas

En julio de 1829, María Sáez acompaña a su esposo Luis Vernet en su misión como primer comandante político y militar de las Islas Malvinas. Durante los primeros meses de su estadía, Sáez escribe un diario en el que documenta su experiencia en aquella tierra desconocida. El objetivo de este artículo consiste en analizar, en un primer momento, el modo en que este texto dialoga y se separa no sólo de la tradición del viaje al extremo sur configurada únicamente por varones, sino también de los libros de otras viajeras que, en la misma época, recorrieron diferentes puntos de América Latina. En una segunda instancia, se analizará el modo en que la escritora representa el paisaje de Malvinas en su diario a partir de la configuración de una mirada poética sobre el espacio que aporta nuevos matices a la historia cultural de las islas.

► RAFAEL CARDOSO (UERJ/LATEINAMERIKA-INSTITUT FREIE/UNIVERSITÄT BERLIN)

Imaginar o tipo brasileiro

Sob o Estado Novo, o ministro Gustavo Capanema empreendeu esforços para retratar “o homem brasileiro” por meio de uma escultura monumental a ser colocada diante do novo edifício do Ministério da Educação e Saúde. O fracasso dessa iniciativa denuncia a impossibilidade da tarefa, dada a diversidade da população brasileira, porém diz muito sobre o anseio coletivo de gerar um imaginário da brasilidade. A apresentação aborda um pouco da história pregressa de tentativas, entre as décadas de 1900 e 1930, de criar representações convincentes do “brasileiro”, passando por imagens e alegorias do indígena, do caipira, do sertanejo, entre outros. Será dado destaque à ilustração e à caricatura, entre outras expressões de cultura visual.

► RICARDO S. CARVALHO (USP/LABELLE)

Fragmentos da história da nação em Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá e Triste fim de Policarpo Quaresma

A comunicação pretende discutir as dissonâncias e as discontinuidades da percepção histórica nos romances *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* e *Triste fim de Policarpo Quaresma*, demonstrando que Lima Barreto contrapõe-se a uma ideia de nação totalizante, coesa e ufanista forjada tanto pela história oficial, quanto pelas efemérides em torno de acontecimentos e de personagens históricos.

► ROBERTO CONDURU (UERJ/SOUTHERN METHODIST UNIVERSITY)

Entre o escândalo e a arte: macumba e modernização no Brasil

Entendendo as religiões afro-brasileiras como fatores cruciais no processo de modernização da sociedade brasileira, a comunicação focará nas relações entre os processos de perseguição de seus adeptos e suas práticas, de exploração espetacular em textos e imagens na imprensa, de exposição pública de artefatos produzidos e usados nessas comunidades religiosas, de coleção e de representação artística dos mesmos, bem como o entendimento deles como arte.

► VANESA MISERES (UNIVERSIDAD DE NOTRE DAME)

Clorinda Matto de Turner entre la imagen y la escritura: Viaje de recreo (1909) como álbum fotográfico

Un aspecto ignorado por la crítica de *Viaje de recreo* (1909), de la escritora peruana Clorinda Matto de Turner, es su relación con la cultura visual. Centrándome en su visita a Italia, mi presentación analiza la *iconología literaria* de este relato de viaje. La combinación de elementos visuales y palabras en el libro revela dos dimensiones novedosas: 1) el rol moderno de la mujer viajera como consumidora de objetos visuales del viaje (postales) y 2) la composición del relato como *collage* de citas textuales y visuales de diverso origen que lo vincula con la tradición del álbum fotográfico y de recortes. En esta intersección de texto e imagen podemos leer tanto una nueva aproximación a los relatos de viaje de mujeres así como la propuesta cultural moderna de Clorinda Matto entre Europa y América.

REALIZAÇÃO

LABELLE – Laboratório de estudos de literatura e cultura da *Belle Époque* (UERJ)



ORGANIZAÇÃO

Carmem Negreiros (UERJ)
Fátima Oliveira (CEFET/RJ)
Giovanna Dealtry (UERJ)
Lucía González (UERJ/FAPERJ)
Marcus Salgado (UFRJ)
Mônica Vermes (UFES)

APOIO

